
METAFÍSICA DA LUZ NA OBRA *ITINERÁRIO DA MENTE PARA DEUS* DE SÃO BOAVENTURA

LA METAFISICA DELLA LUCE NELL'OPERA *ITINERARIO DELLA MENTE VERSO DIO* DI SAN BONAVENTURA

Anderson Sampaio Silva¹

RESUMO

Este artigo discute o conceito de metafísica da luz no pensamento boaventuriano, bem como o caminho de subida para a Verdade. Boaventura fundamenta este conceito em várias conferências, dentre elas a *Conferência sobre os dez mandamentos*, a *Conferência sobre os seis dias da criação*, e em obras como *Cristo, único mestre de todos* e a *Redução da Filosofia a Teologia*, sempre no intuito de mostrar ao homem a necessidade de estar conciliado com Deus para, assim, encontrar uma Verdade distante dos erros causados pelo pecado. O posicionamento filosófico iluminativo do Doutor Seráfico perpassa todas as suas obras, mas é quando eleito Geral da Ordem dos Irmãos Menores que a sua produção toma um caráter mais nítido sobre a iluminação, tendo em vista que ela traz reflexões fundamentais para todo o pensamento humano. Dessa forma, os escritos boaventurianos, de forma mais específica o *Itinerário da mente para Deus*, marcam o pensamento iluminado por Deus que está em jogo no mundo medieval. Assim, as várias conferências e obras escritas pelo Doutor serão essenciais para a manutenção da fé e do pensamento filosófico que até então tem Deus como centro de todo saber. O propósito do Doutor, filósofo-teólogo, é mostrar que o homem necessita da iluminação divina para alcançar o conhecimento verdadeiro.

Palavras-chave: Boaventura. Metafísica. Luz. Deus. Verdade.

RIASSUNTO

Questo articolo discute il concetto di metafisica della luce nel pensiero bonaventuriano, e anche la via verso la Verità. Bonaventura fonda questo concetto in varie conferenze, tra cui la Conferenza sui dieci comandamenti, la Conferenza sui sei giorni della creazione, e in opere come *Cristo, unico maestro di tutti* e la *Riduzione della filosofia alla teologia*, sempre per mostrare all'uomo la necessità di riconciliarsi con Dio, per trovare così una Verità lontana dagli errori causati dal peccato. La posizione filosofica illuminativa del Dottore Serafico pervade tutte le sue opere, ma è quando viene eletto

¹ Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: freiandersoncap@gmail.com.

Generale dell'Ordine dei Frati Minori che la sua produzione assume un carattere più chiaro sull'illuminazione, dato che porta riflessioni fondamentali per tutto il pensiero umano. In questo modo, gli scritti boaventuriani, più specificamente l'itinerario della Mente verso Dio, segnano il pensiero illuminato da Dio in gioco nel mondo medievale. Così, le varie conferenze e le opere scritte dal Dottore saranno essenziali per il mantenimento della fede e del pensiero filosofico che fino ad allora ha Dio come centro di tutto il sapere. Lo scopo del Dottore, filosofo-teologo, è mostrare che l'uomo ha bisogno dell'illuminazione divina per raggiungere la vera conoscenza.

Parole-chiave: Bonaventura. Metafisica. Luce. Dio. Verità.

Introdução

Dentre os vários temas que o santo franciscano aborda em suas obras, a iluminação divina ou metafísica da luz é um assunto que Boaventura constantemente retoma em seus escritos, para mostrar como o homem pode chegar a Deus, detentor da verdadeira luz, e como esta age na razão humana. Para ele, o único meio de compreender é concebendo Cristo como mestre e fonte de sabedoria e, por isso, o tema da metafísica da luz exige um estudo mais detalhado em suas obras, a fim de que possamos ter uma melhor compreensão dos seus escritos, produzidos no intento de defender a ciência, subordinada à Teologia, e a fé cristã, diante dos novos pensamentos que surgiam na sua época.

Para a realização deste artigo foram estabelecidos três objetivos. O primeiro foi explorar o conceito de metafísica da luz em São Boaventura, buscando as bases fundamentais para a compressão da temática. Em seguida, estabelece-se a descrição de como a metafísica da luz se desenvolve no pensamento boaventuriano, pois ela é a luz que ilumina o conhecimento humano. Por fim, busca-se a explicação de como São Boaventura a desenvolve em seu escrito *Itinerário da mente para Deus*.

A iluminação boaventuriana

Até chegarmos ao ponto crucial do pensamento de Boaventura, se faz importante ressaltar os seus influenciadores, como Alexandre de Hales², seu mestre,

² Alexandre de Hales (1185-1245) nascido no condado de Gloucestershire (Inglaterra) foi catedrático da Faculdade de Teologia. Ingressou na Ordem Franciscana depois de 1231. Hales foi um dos grandes

que foi uma inspiração para sua entrada na ordem dos franciscanos. Alexandre de Hales foi o primeiro a pensar, de certa forma, em uma teologia especulativa, muitas vezes recorrendo às obras aristotélicas, mas dentro dos parâmetros neoplatônicos. Assim, ele foi o primeiro a ler a vida e as ideias de São Francisco com o olhar de universitário. Além de Alexandre, ainda temos como seus influenciadores “o mais importante entre todos foi, sem dúvida, Aristóteles [...]. Somem-se a ele, entre outros, os nomes de Platão, Plotino, Porfírio, Cícero e Sêneca, entre os antigos, bem como os de Avicena, Averróis, Avicbron [Ibn Gabirol] e Maimônides entre os árabes e judeus.” (DE BONI, 2016, p. 33).

Agostinho também teve grande influência, pois ele foi um dos grandes inspiradores do pensamento do Doutor Seráfico. O bispo de Hipona, por grande parte da *aetas media*, foi a maior fonte de inspiração para o pensamento medieval. Entre Boaventura e Agostinho, percebe-se a afinidade de pensamento que os vincula, já que ambos trazem a visão cristã como base de sua reflexão e, assim, procuram sempre mostrar um Verbo (Cristo encarnado) inflamado e atraente.

Do Santo de Hipona ele herdou a doutrina do exemplarismo, o olhar cristocêntrico, a teoria sobre a iluminação divina, os estudos sobre a trindade e um grande apreço pelo neoplatonismo, de forma que em Boaventura pode-se observar, de melhor maneira, o cristocentrismo, a iluminação divina, base para qualquer conhecimento ou ciência, e uma metafísica pautada no exemplarismo. Na obra *A Conferência sobre os dez mandamentos* ele atribui ao Verbo essa causa exemplar: “Ao Pai se atribui a causa eficiente; ao Filho a causa exemplar, pois ele é a imagem do Pai; e ao Espírito Santo, a causa final.” (BOAVENTURA, 2018, posição 1305).

Boaventura considera que todo e qualquer conhecimento humano advêm da iluminação divina. Para ele, existem quatro luzes distintas procedentes de Deus, sendo elas a luz exterior, a luz inferior, a luz interior e a luz superior, tema a ser tratado mais adiante neste artigo. Todavia, é importante destacar agora que, no que diz respeito à luz interior, que é a Filosofia, ele a divide em três: a racional, a natural e a

compiladores e sistematizadores, e que sua forma de trabalhar os problemas filosóficos e teológicos constituem um claro precedente da *quaestio* escolástica, servindo também de esquema para futuras sumas. O *doctor irrefragabilis*, como é conhecido, destaca-se por sua exposição unitária e sistemática do pensamento filosófico-teológico. (Cf. SARANYANA, 2006. p. 273).

moral, obtendo, assim, seis luzes. Destas seis, a luz superior é a mais importante, pois é através dela que o homem pode alcançar a Verdade.

Quando Boaventura trata da iluminação, deve-se observar como ele estabelece a relação entre o Criador e a criatura, ou seja, do Deus (que ilumina) e do homem (que é iluminado), pois Deus, que contém as razões exemplares de todas as coisas criadas, permite que elas resplandeçam sobre a mente da criatura racional. Com isso, observa-se que da parte de Deus a iluminação é uma doação, enquanto da parte da criatura racional (homem) é uma recepção. “Ao se comunicar, a luz da Verdade resplandece na mente do homem. Ela advém à mente sem, porém, deixar a sua fonte.” (FERNANDES, 2013, p. 56).

Para ele, o céu empíreo foi criado junto com as quatro primeiras realidades, que são “o céu empíreo, a natureza angélica, a matéria e o tempo” (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 121). Esse céu empíreo corresponde à realidade da luz: “a luz é aquela forma corpórea perfeítíssima que se configura como o princípio passivo de todas as formas corpóreas.” (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 121). Assim, é possível perceber que quando Boaventura escreve sobre a luz, ela não se configura somente no âmbito metafísico, mas também no físico.

Desta maneira, Boaventura concebe a fundamentação ontológica da luz em dois aspectos:

Entre o céu empíreo e a matéria física estabelece-se uma relação de bipolaridade: enquanto a matéria se constitui como o princípio passivo de todos os corpos, o céu empíreo se constitui como reserva inesgotável de todas as energias ativas que se distribuem em todas as formas ou em todos os princípios ativos existentes no universo [...] a luz se difunde por todas as partes e, ao propagar-se, informa a matéria física e a prepara-a para receber as demais formas. (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 121).

Porém, mesmo que a luz tenha essa dupla relação, ou seja, matéria física e o céu empíreo, quando Boaventura a descreve, além de indicar as dimensões que já foram vistas, aponta também o seu aspecto espiritual (teológico). Desse modo, estão presentes em seus escritos ambas as perspectivas, o que pode ser exemplificado quando fala do Pai das Luzes (Deus): “[...] só Deus é a razão de todas as coisas, a regra infalível e a luz verdadeira. Nesta luz brilham todas as criaturas [...]” (BOAVENTURA, 2012, p. 45) para dizer de onde vem toda a iluminação.

Essa luz, no que diz respeito a parte espiritual, é graça que vem do alto, ou seja, a iluminação que vem da divindade. Tal luz envolve todo o nosso ser, preparando-nos para a elevação a Deus, pois ela procede incessantemente de Deus e atua em nossa alma. Sobre isto, Boaventura diz que “[...] a graça é o princípio da retidão da vontade e da iluminação da inteligência.” (BOAVENTURA, 2012, p. 45). Tal graça e acesso a Deus só é possível quando estamos envolvidos pela luz que procede do Pai das Luzes. Neste sentido, Boaventura entende que Deus é o Pai detentor de todas as luzes, gênese a partir do qual procede o princípio da verdade e de qualquer conhecimento possível. Para Boaventura, “a verdade do conhecimento se funda na verdade do ser. É por sua essência que o ser é o que é. [...] a verdade só pode ser determinada a partir do ser que por excelência é Deus” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 438). E, com isso, ele ressalta ainda mais a necessidade do olhar da fé (Teologia) para alcançar a Verdade, pois “Quando a inteligência considera o mundo com os olhos da fé, descobre-lhe então a origem, o curso e o termo. Com efeito, a fé nos revela que o mundo teve uma origem pelo Verbo da vida.” (BOAVENTURA, 2012, p. 31). O homem sem o olhar da fé se torna cego a todo conhecimento.

A luz sobre a ciência

Como visto, para Boaventura, a iluminação divina é essencial para se chegar à Verdade, que é Deus. Nesta compreensão, não seria diferente que tal iluminação também estivesse presente quando o Doutor fala sobre as ciências. Para tanto, em algumas de suas obras ele as classifica, mostrando como a iluminação age sobre elas.

Boaventura trata da classificação das ciências em algumas de suas obras, como no *Itinerário da mente para Deus* e no sermão *Cristo, único mestre de Todos*. No entanto, a obra que ele dará mais atenção ao assunto é *A redução das ciências à Teologia*. Portanto, porquanto há uma unidade quando ele trata desse assunto em suas obras, o enfoque central encontra-se na última mencionada. Segundo De Boni:

A divisão da ciência significa, então, levar em conta os modos como a luz do saber pode ser considerada pela razão. E como em sua compreensão do mundo há uma quádrupla divisão da luz a projetar-se sobre a razão, há então quatro grupos de ciência, a fundamentar-se nas quatro diferentes luzes: a luz exterior, a inferior, a interior e a superior (DE BONI, 2016, p. 87).

Essas quatro luzes são a classificação das ciências, sendo a luz exterior: das artes mecânicas; a luz inferior: das coisas sensíveis; a luz interior: a Filosofia, subdividida em racional, natural e moral; e a luz superior, a Teologia. O próprio Doutor fala dessa classificação, definindo-a assim:

[...] a luz exterior, a luz da arte mecânica; uma luz inferior, a luz do conhecimento sensitivo; a luz interior, a luz do conhecimento filosófico; e uma luz superior, a luz da graça e da Sagrada Escritura. A primeira luz ilumina no que se refere às figuras ou objetos artificiais; a segunda, no que se refere à forma natural; a terceira, no que se refere à verdade intelectual; e a quarta e última, no que se refere à verdade da salvação (BOAVENTURA, 1983, p. 207).

Essa é, portanto, a classificação que Boaventura dá às ciências. Vejamos, pois, a seguir, de maneira mais específica, cada uma dessas luzes de modo particular e as suas características, pois todas as luzes das ciências são iluminadas a partir da luz primeira: Deus.

Como visto, a primeira é a luz exterior. Ela existe para suprir as necessidades que, por natureza, faltam ao homem. Baseado no esquema de Hugo de São Vitor, ela está dividida em sete ciências: Lanifício, a Armadura, a Agricultura, a Caça, a Navegação, a Medicina e o Teatro, também “denominada luz da arte mecânica.” (BOAVENTURA, 1983, p. 207). Para Boaventura: “Esta divisão pode ser aceita como suficiente, pois toda a arte mecânica se ordena ao consolo e à comodidade, a desterrar a tristeza ou à necessidade, ao proveito ou ao prazer[...]” (BOAVENTURA, 1983, p. 207). Neste sentido, cabem a elas unirem sobre si as demais ciências a elas relacionadas, como “[...] a caça congrega também a culinária; e a navegação, o comércio.” (DE BONI, 2016, p. 88).

Com isso, se a arte se refere ao deleite e o consolo, tem-se o Teatro; referindo-se à vestimenta de materiais brandos e leves, tem-se o Lanifício; se se refere a materiais duros e fortes, tem-se a Armadura; se a arte mecânica se volta para a alimentação quanto aos vegetais, tem-se a Agricultura, se para os animais, tem-se a Caça; quando a arte mecânica se volta para o auxílio de ambas, tem-se a Navegação; voltando-se para a preparação de xaropes, cirurgias e poções, tem-se a Medicina. Por isso, para Boaventura, essa divisão, assim como a de Hugo de São Vitor, é suficiente. (BOAVENTURA, 1983).

A segunda é a luz inferior, a luz do conhecimento sensitivo. Ela é chamada desta forma porque começa nas partes inferiores do homem e se realiza graças à ação benéfica da luz corporal. Neste conhecimento tem-se uma multiplicidade, pois cinco são os sentidos. Partindo de Agostinho, Boaventura diz que:

[...] baseada na natureza da luz dos elementos, e o faz da seguinte maneira: a luz ou lume, que serve para distinguir as coisas corporais, encontram-se na eminência de sua natureza e em certa pureza, e é então o objeto da vista; ou mistura-se ao ar, e é objeto do ouvido; ou ao vapor, e é objeto do olfato; [sic] ou ao humor, e é objeto do gosto; ou a espessura da terra, e é objeto do tato [sic]. Também o espírito sensível possui a natureza da luz, e por isso encontra-se nos nervos, cuja natureza é clara e lúcida; [...] (BOAVENTURA, 1983, p. 208).

Desta mesma maneira, pode-se observar no *Itinerário da mente para Deus*, que o autor arrazoza sobre os cinco sentidos:

[...] pela vista entram os corpos celestes e luminosos e os coloridos. Pelo tato entram os corpos sólidos e terrestres. Pelos outros três sentidos entram os corpos intermédios. Assim, pelo gosto entram os corpos líquidos; pelo ouvido, os aeriformes; pelo olfato, os vaporáveis (os quais participam da natureza da água, do ar e do fogo, como se pode ver no perfume que exala dos aromas). (BOAVENTURA, 2012, p. 39).

Com isso, pode-se afirmar que a luz perpassa e se diversifica através destes cinco sentidos. Desta maneira, para que o homem perceba as formas corpóreas, “possui cinco sentidos, que correspondem aos cinco corpos simples do mundo, que são os quatro elementos [...]” (BOAVENTURA, 1983, p. 208-209). Sendo assim, para Boaventura, esta classificação é suficiente, pois já foi aprovada por Agostinho.

A terceira luz é a interior, assim denominada “porque inquirere as causas interiores e secretas, que se obtêm pelos primeiros princípios das ciências e da verdade natural, impressos no homem pela própria natureza.” (BOAVENTURA, 1983, p. 209). A luz interior é a do conhecimento filosófico e está subdividida em: Filosofia Racional, que considera a verdade do discurso; Filosofia Natural, que considera a verdade das coisas, e Filosofia Moral, que se volta para a verdade dos costumes.

No entanto, estas três filosofias se subdividem. A Filosofia Racional se divide em gramática, lógica e retórica, com isto, tem-se o *trivium*. A Filosofia Natural é dividida em física, matemática e metafísica. A primeira investiga as formas que estão ocultas e manifestas na natureza. A segunda, por sua vez, considera as formas

naturais e é uma ciência da evidência, que se encontra dividida em Aritmética, Geometria, Música, Perspectiva, Astrologia e Astronomia. Com isso, tem-se aqui o *Quadrivium*. E, por fim, a metafísica reflete sobre os princípios de todos os entes que devem ser encontrados, sendo eles: substância e acidente; universal e particular; ato e potência; uno e múltiplo; simples e composto; e causa e causado (Cf. DE BONI, 2016). Enquanto isso, a Filosofia Moral se divide em monástica, econômica e política. Essa divisão é suficiente, pois para Boaventura “[...] porquanto há a verdade do discurso, a verdade das coisas e a verdade dos costumes. A filosofia racional considera a verdade do discurso; a filosofia natural, a verdade das coisas; e a filosofia moral, a dos costumes.” (BOAVENTURA, 1983, p. 209).

A quarta luz é a da Sagrada Escritura, a luz superior, assim chamada pois está voltada para os “[...] objetivos superiores, manifestando o que está para além da razão [...]” (BOAVENTURA, 1983, p. 210). Neste sentido, se o homem não tivesse pecado poderia chegar a Deus sem ela, mas, após o pecado, sem a revelação, ou a iluminação divina, o homem cai no erro. Após o pecado, essa luz se torna necessária para que o conhecimento da verdade seja possível. Ela está dividida em sentido literal e sentido espiritual. Este último se divide em Alegórico, Moral e Anagógico. Assim Boaventura define-os:

Portanto, em todos os livros da Sagrada Escritura, além do sentido literal, que as palavras expressam exteriormente, encerram-se três sentidos espirituais, a saber: o alegórico, pelo qual se nos ensina o que devemos crer a respeito da divindade e da humanidade de Cristo; o moral, pelo qual se nos ensina como devemos viver; e o anagógico, pelo qual se nos ensina o caminho a Deus (BOAVENTURA, 1983, p. 210).

Até então, tem-se a divisão em quatro luzes: a exterior, a inferior, a interior e a superior. Porém, nesse movimento de divisão, Boaventura mantém a cisão da luz interior em três (Filosofia Racional, Natural e Moral), o que acaba proporcionando não somente quatro luzes, mas seis. Dessa forma, ele faz uma comparação do saber humano com a criação do mundo em seis dias. Como Boaventura afirma:

[...] embora pela primeira divisão seja quádrupla a luz que desce do alto, são contudo seis as partes em que ela se diferencia, a saber: a luz da Sagrada Escritura, a luz do conhecimento sensitivo, a luz da arte mecânica, a luz da filosofia racional, a luz da filosofia natural e a luz da filosofia moral. Portanto, há seis iluminações nesta vida [...] (BOAVENTURA, 1983, p. 211).

Com isso, como visto acima, estabelece-se a classificação das ciências. Sobre ela, afirma-se que a luz superior é de suma importância, pois traz em si a revelação divina, que é a portadora da luz da revelação.

Por isso o verdadeiro significa do mundo não se manifesta ao cientista, que não atende senão aos vestígios externos e, por assim dizer, contempla apenas a superfície das coisas. Aquele que se detém na beleza exterior das criaturas trilha, na verdade, um caminho errado (*via deviationis*). Sem dúvida, o pesquisador descobrirá numerosas propriedades interessantes das coisas; mas o verdadeiro discernimento do mundo só lhe abrirá no momento em que, à luz superior da analogia, tomar a descobrir os vestígios do Criador Trino e Uno. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 435).

A intenção de Boaventura é mostrar que assim como a Sagrada Escritura, as outras ciências possuem também este sentido espiritual, ou seja, além do sentido que se mostra de forma evidente, elas também possuem outros, que são capazes de reduzi-las à Teologia (Cf. DE BONI, 2016). A Luz da Sagrada Escritura é aquela que ilumina as demais ciências, as quais devem estar dependentes, pois sem ela o homem será envolvido em erros.

Luz da Verdade

Para Boaventura, é em Cristo, o Verbo³ de Deus, que toda a metafísica está pautada, pois, para ele “sem esta luz, que é Cristo, ninguém pode compreender plenamente os mistérios da fé.” (BOAVENTURA, 1983, p. 222). Assim, o filósofo atribui a cada uma das pessoas da Santíssima Trindade uma causa, a saber: “Ao Pai se atribui a causa eficiente; ao Filho, a causa exemplar, pois ele é a imagem e semelhança do Pai, e ao Espírito Santo, a causa Final.” (BOAVENTURA, 2018, posição. 1305). A prática da metafísica é a busca por se empenhar em chegar à causa suprema dos seres. Boaventura considera a metafísica como a ciência mais sublime, desde que esteja iluminada pelo Verbo.

Para entender a metafísica boaventuriana se faz necessário concebê-la numa “chave exemplarista” (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 114). Os medievalistas, e assim Boaventura também pensava, viam o ser de Deus e o ser das criaturas de duas

³ “O verbo, ou a palavra, supõe um ato cognoscitivo. No momento em que o entendimento conhece o objeto, ele engendra ou *concebe* uma representação desse objeto.” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 433).

formas, ou melhor, a partir de dois planos diversos. Eles observavam o ser de Deus enquanto ser originário e pleno; já o ser enquanto criatura voltada para o campo participativo, como imagem, semelhança e cópia de Deus. Com isso, fica definido que o modelo ou posição dos filósofos medievais é analógico e exemplarista (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 114). Dessas duas teses temos as suas definições:

A tese analógica defende que todos os seres criados ou contingentes representam e encarnam a mesma perfeição divina, embora em graus diversos. Todos eles são cópias e seres exemplados do autêntico [Criador] modelo e razão fundante, que é Deus, do qual se distinguem. [Já] A posição exemplarista consiste em sublinhar as semelhanças e a relação íntima que existe entre Deus [na pessoa do Verbo] e as criaturas [dentre os quais, o homem]. (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 114).

Essas duas teses não se opõem, mas integram-se entre si. Ao tratar de ambas, os medievalistas as distinguiam e tomavam cada uma delas para definir a sua forma de pensar. Por exemplo, dessas duas teses, Tomás de Aquino fica com a primeira (a analógica), enquanto Boaventura assume a segunda⁴ (o exemplarismo).

Com efeito, muito antes de Boaventura, as teses sobre o exemplarismo já haviam sido discutidas, tanto entre Platão quanto entre os pitagóricos, sempre em um movimento conceitual crescente.

Os pitagóricos referiam-se à doutrina de que o número é o arquétipo de tudo. Platão, porém, substituiu o “número” por conceitos mais amplos, isto é, para ele, a doutrina das Idéias[sic] consistia em aceitar modelos arquetípos, os quais não seriam simplesmente conceitos, mas sim o ser, o exemplar de todas as coisas. O exemplarismo platônico, desta forma, é fundamentalmente a doutrina dos universais propostas pelos pitagóricos, na qual os transcendentem excedem o simples ser das coisas singulares (BELLEI, 2009, p. 37).

Mesmo estes, como Platão e os pitagóricos, que pareciam iluminados, acabaram caindo no erro, pois não conheceram o Verbo (Cf. MERINO; FRESNEDA, 2006). Neste sentido, para Boaventura, somente com o Verbo (cristianismo) é que a

⁴ Boaventura “interroga a si mesmo se deve partir das criaturas ou do próprio Deus. A pergunta é importante, dado que ele sustenta que as fontes do conhecimento humano são duas: aquela iluminação proveniente de Deus e aquela externa da experiência externa, filtrada pelos sentidos. O verdadeiro itinerário, para Boaventura, deveria partir de Deus, passar pelas criaturas e retornar a Ele, mantendo-se a indiscutível superioridade de perfeição do ponto de partida. Contudo, o mestre prefere iniciar pelo mundo sensível, porque esta modalidade é mais acessível a todos, é pedagogicamente capaz de envolver também o simples e os *illitterati*.” (BOAVENTURA, 2012, p. 9. Grifo do autor).

verdadeira exemplaridade alcançou seu ápice. Com isso, é mais que perceptível que a posição exemplarista adotada por Boaventura é a chave de sua filosofia.

Boaventura desenrola o teor da Metafísica desde uma confissão íntima do ser humano: “Senhor, de ti, o Altíssimo, procedi; a ti, o Altíssimo, retorno, por ti, Altíssimo”. Eis aí todo o conteúdo da Metafísica: “*et haec est tota mostra methaphysica: de emanatione, de exemplare, de consummatione, scilicet illuminari per rádios spirituales et reduci ad summum*”. A *Emanação* trata do mundo criado por Deus; a *Exemplaridade* versa sobre Deus enquanto arquétipo da criação; a *Consumação* ou *Redução* se ocupa de Deus enquanto fim último dos espíritos que, tocados por sua luz, retornam à pátria. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 426. Grifo do autor).

Seguindo esta linha de pensamento, concebe-se que o homem sai de Deus, retorna para Ele e só realizará as coisas através de Deus, na causa exemplar que é o Verbo. É, pois, “pela conformação a Cristo, [que] o homem será iluminado pelas luzes espirituais que o guiarão de volta a Deus, tornando-se, assim, o verdadeiro metafísico.” (BELLEI, 2009, p. 38). Ora,

desde a eternidade o Pai gerou um filho que é sua idêntica imagem. Pensando-se produziu uma expressão de si mesmo. E esta expressão não se estende apenas ao próprio ser infinito, mas a tudo quanto ele se propõe fazer, e mesmo a tudo que lhe é possível fazer: pois é nisto que consiste a plenitude do seu ser. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 432).

O exemplarismo boaventuriano consiste em um tríplice conhecimento, a saber: o “conhecimento do Verbo incriado, por quem são produzidas todas as coisas; o conhecimento do Verbo encarnado, por quem são reparadas todas as coisas; o conhecimento inspirado, por quem são reveladas todas as coisas.” (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 115). Neste dinamismo, Boaventura entende que tudo está em Deus e procede Dele como ideia exemplar. Para o filósofo, a ideia está ligada ao campo da semelhança, é como uma cópia formada pela inteligência, como uma imitação do ser exemplar. Para ele, há três espécies de semelhança:

[...] a de univocação ou participação (que não pode dar-se entre Deus e as criaturas), a de imitação (que implica uma semelhança da criatura com o Criador e o princípio do conhecimento que Deus tem com ela) e a exemplativa (que acentua a razão exemplar entre o Criador e a Criatura) (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 115).

A semelhança exemplativa é a que Boaventura assume para si. Tal tese é o que ele denomina como ideia, arte, verbo, exemplar, pois, segundo ele, é a ideia que Deus tem das coisas.

Um itinerário para a Verdade

Na obra *Itinerário da mente para Deus*, o Doutor Seráfico faz um movimento que, como o próprio nome da obra já indica, é o caminho que leva o homem para Deus; dito de outro modo, é o caminho que conduz o homem à Verdade. Para Boaventura, tal Verdade é o próprio Deus, o Pai das luzes que iluminam a razão humana, levando-a ao conhecimento perfeito. Este caminho, explica o Doutor, é percorrido através de degraus.

Na sua visão, o verdadeiro itinerário “deveria começar de Deus passar pelas criaturas e retornar a ele.” (BOAVENTURA, 2012, p. 9). Contudo, o Doutor opta por iniciar os degraus pela impressão de Deus contida nas criaturas, tendo em vista que este caminho seria de mais fácil acessibilidade para todos.

Boaventura define que serão seis degraus de ascensão, mais o repouso e o êxtase. Estas gradações estão representadas nos capítulos de sua obra *Itinerário da mente para Deus*: I) a elevação a Deus por meio do universo; II) a contemplação de Deus nos seus vestígios impressos no mundo sensível; III) a contemplação de Deus por meio de sua imagem impressa nas potências da alma; IV) a contemplação de Deus impressa, na sua imagem: a alma renovada pelos dons da graça; V) a contemplação da unidade divina no seu nome principal: o Ser; VI) a contemplação da Santíssima Trindade no seu nome: o Bem; e VII) O êxtase mental e místico no qual a inteligência encontra o repouso e o afeto, e passa totalmente a Deus.

No primeiro degrau encontra-se uma subida a Deus pelas criaturas, só que numa busca para além delas em si mesmas; ou seja, busca-se nas criaturas os vestígios deixados pelo Criador. É, então, que o Doutor Seráfico decide, neste primeiro degrau, “[...] contemplar todo este mundo sensível como um espelho, através do qual podemos chegar até Deus [...]” (BOAVENTURA, 2012, p. 30). Deste ponto já é possível perceber o caráter exemplar, pois tudo o que está no mundo sensível tem uma causa exemplar, um modelo a partir do qual tudo existe, que é o Verbo. Ou seja:

O universo é uma sombra, um caminho, um vestígio, um livro escrito por fora. Em cada Criatura existe um esplendor do divino exemplar, mas mesclado de trevas. Quando a alma põe os olhos nas criaturas, percebe ser preciso passar da sombra para a luz, do vestígio à Verdade (ARAÚJO, 2006, p. 36).

Para Boaventura, a elevação pelos vestígios das criaturas acontece pela inteligência, mas não somente nisso. Esse processo se dá quando a inteligência considera o mundo com os olhos da fé que, por sua vez, descobre-lhe a origem, o curso e o termo. Com isso, a fé nos revela que tal mundo teve sua origem através do Verbo. É aí que a inteligência reconhece no mundo a sua origem. Boaventura descreve aqueles sem a iluminação, dizendo que: “Cego é, por conseguinte, quem não é iluminado por tantos e tão vivos resplendores espalhados na criação. É surdo quem não acorda por tão fortes vozes. É mudo quem em presença de tantas maravilhas não louva o Senhor” (BOAVENTURA, 2012, p. 34).

O segundo pretende ver a Deus no mesmo vestígio, porém, contemplando os seres pela sua essência, pela sua potência e pela sua presença, como num espelho que exclui toda e qualquer treva e opacidade. Com efeito, assim como no primeiro degrau, esta apreensão é feita através dos sentidos corporais.

Para que tal movimento de subida aconteça, é preciso que as coisas (macrocosmo) adentrem em nossa alma (microcosmo) pela sua porta, formada pelos cinco sentidos, através de três maneiras: “[...] pela percepção das coisas sensíveis, pelo prazer que a alma experimenta e pelo juízo que destas coisas ela faz.” (BOAVENTURA, 2012, p. 34). Para que esse mundo sensível penetre o microcosmo, é essencial a existência dos cinco sentidos que, como dito, são as portas pelas quais as realidades sensíveis adentram a alma:

[...] pela vista entram os corpos celestes e luminosos e os coloridos. Pelo tato entram os corpos sólidos e terrestres. Pelos outros três sentidos entram os corpos intermédios. Assim, pelo gosto entram os corpos líquidos; pelo ouvido, os aeriformes; pelo olfato, os vaporáveis (os quais participam da natureza da água, do ar e fogo, como se pode ver no perfume que se exala dos aromas) (BOAVENTURA, 2012, p. 39).

Para aprofundar a análise sobre essa apreensão, faz-se necessário conceber a *percepção*, o *prazer* e o *juízo*. Com efeito, pela primeira são captados todos os seres sensíveis; no entanto, sendo elas exteriores e materiais, cabe destacar que não apreendem pela materialidade, mas sim pela sua semelhança ou imagem. Já o

segundo ocorre quando apreendemos algum objeto que nos convém, que nos agrada, apreendido pela imagem ou semelhança abstraída dele.⁵ Por fim, o juízo é o meio através do qual procura-se o motivo do prazer que a percepção de um objeto suscita. Por estas três operações da alma, através dos sentidos, é que o mundo sensível penetra o espiritual.

Para Boaventura, é aí que se encontram os vestígios aos quais podemos contemplar a Deus, assim como em tantos outros espelhos, pois,

[...] a imagem percebida é uma semelhança do objeto gerada num lugar intermédio e impressa depois no órgão, a qual, por meio desta impressão, induz-nos ao conhecimento de seu princípio [...]. Consequentemente, este processo nos indica com evidência que também a Luz eterna gera de si mesmo uma imagem ou um esplendor que lhe é igual, consubstancial e coeterno (BOAVENTURA, 2012, p. 43).

Com efeito, aqui desvela-se de modo explícito a visão da metafísica da luz, numa chave exemplarista, perspectiva na qual aquele que é o Pai das Luzes também tem uma imagem de si, que é o modelo de tudo, e uma causa exemplar, que é o Verbo divino. Só Deus é a razão de todas as coisas, a luz verdadeira. É Nele que se encontram todas as criaturas, da forma mais perfeita e verdadeira.

O terceiro degrau relativamente abandona o mundo sensível e faz um movimento de interioridade; ou seja, agora essa elevação para chegar à Verdade será feita a partir da alma humana. Para isso, Boaventura considera que a verdade é conhecida pela alma, quando é feita a busca da razão última pelas suas três potências: a *memória*, a *inteligência* e a *vontade*. “Aqui a luz da verdade brilha à maneira de candelabro perante nossa alma, na qual resplandece a imagem da beatíssima Trindade.” (BOAVENTURA. 2012, p. 53).

A atividade da memória consiste em apreender e representar as coisas simples, corpóreas, temporais, contingentes e sempiternas, também retendo os princípios e os axiomas das ciências. Através dela é possível contemplar a Verdade, pois “[...] a atividade de nossa memória reflete certo caráter de eternidade. Retém o pretérito, o presente e o futuro.” (ARAÚJO, 2006, p. 37). Pela inteligência compreendem-se os

⁵ “Seja por causa da beleza – quando se trata da vista –, seja por causa de sua suavidade – como no olfato e no ouvido –, seja por causa de sua salubridade – quando se trata do gosto e do tato. Mas a razão do prazer é a proporção. Ora, a imagem de onde provém o prazer é simultaneamente forma, virtude e ação. É forma em relação ao objeto donde emana. É virtude ou potência em ordem ao meio pelo qual passa. É ação em razão do término sobre o qual age.” (BOAVENTURA. 2012, p. 41).

termos, as preposições e as conclusões. Com efeito, ela compreende o significado de um determinado termo quando, por meio da definição, entende o que a coisa realmente é, o que é feito sempre ajudado por Deus, donde vêm todas as coisas em sua pureza. Pela atividade da vontade se funda a deliberação, o juízo e o desejo e, nesta leitura, é mister identificar que tal deliberação está ligada ao ato de escolher se uma coisa é melhor do que outra. Ela também se apoia em Deus, tendo em vista que sem o conhecimento do bem supremo, não seria possível fazer julgamento do bem ou do mal para nenhum consenso. Sendo assim, “[...] a memória nos conduz à eternidade, a inteligência à verdade, a vontade à sua bondade soberana.” (BOAVENTURA, 2012, p. 61).

No quarto degrau, continuando o percurso de subida, destaca-se que o movimento não se dá mais *pela* alma, mas sim, *na* alma, considerando que esta é superior à anterior, já que um conhecimento filosófico distante da fé não é capaz de seguir em frente. Para Boaventura, este quarto degrau deve estar iluminado pela luz superior, ou seja, pela luz da Sagrada Escritura. Para tanto, a mente humana deve estar revestida de três virtudes teológicas⁶: a purgativa (voltada para a paz e a purificação dos pecados), a iluminativa (voltada para a capacidade intelectual) e a perfectiva (voltada para a união com Deus), as quais purificam, aperfeiçoam e iluminam. A alma humana, sem a Verdade eterna, a luz divina, não consegue ir além das coisas sensíveis. É preciso antes de tudo crer no Verbo incriado, pois, “[...] iluminado pelo *Verbo inspirado*, que inflama o coração pelas luzes da razão, da fé, da Escritura, das revelações.” (ARAÚJO, 2006, p. 37). Ora, é crendo no Verbo que,

[...] a alma recupera o ouvido e a vista espirituais: o ouvido para escutar os ensinamentos de Cristo e avista para considerar o esplendor de sua luz. Suspirado pela esperança de acolher o Verbo inspirado, o desejo e o amor fazem-lhe adquirir o olfato espiritual. Abraçando pela caridade ao Verbo encarnado [...] recobra o gosto e o tato espiritual.” (ARAÚJO, 2006, p. 67).

É neste degrau que a alma consegue restaurar seus sentidos interiores (espirituais). E assim, voltando para Deus, neste movimento de entrada para si

⁶ “[...] a purificação, a iluminação e a perfeição. A purificação produz a paz, a iluminação conduz à verdade e a perfeição realiza a caridade. Estes três atos, frequentemente praticados, dão a felicidade à alma e, quanto melhor praticados, melhor lhe aumentam os méritos.” (BOAVENTURA, 1983, p. 235).

mesmo, é que o homem poderá seguir, purificado e iluminado, na sua subida para a Verdade.

No quinto degrau, Boaventura considera a noção de Ser, atribuindo-a a Deus. Pela compreensão do Ser, ele acredita que é possível alcançar a essência divina. Assim, o Doutor Seráfico entende que Deus comporta tal absoluta certeza, pois é impossível considerá-lo como não-existente, uma vez que Ele, sendo o Ser puríssimo, exclui de forma integral o pensamento do não-ser.⁷

Para o Doutor, não conceber a Verdade (Deus) desta forma configura-se como uma cegueira da inteligência, ou mesmo uma cegueira espiritual. Ao contemplar a luz divina, o homem chega à essência da Verdade e, por isso, o Doutor Seráfico até afirma que quando os homens não fazem esse movimento de subida, acabam se assemelhando a um morcego que “habitado às trevas dos seres criados e às imagens sensíveis parece-lhe não ver nada, mesmo quando contempla o esplendor do ser supremo. [...] assim como o olho do corpo, ao enxergar a luz pura, parece-lhe não ver nada.” (BOAVENTURA, 2012, p. 79).

Com isso, neste quinto degrau, ao concebermos o Ser puríssimo seremos iluminados de tal forma que estaremos mais próximos da Verdade, tendo em vista que o Ser puríssimo é o nome primeiro de Deus, que precede todas as luzes que nos iluminam e que, sem tal iluminação, seria impossível prosseguir no processo de subida até a Verdade.

No sexto degrau, o Doutor sublinha que, mesmo tendo o Ser como princípio dos atributos essenciais de Deus, a noção mais sublime que devemos ter de Deus é a de Bem. O autor faz essa distinção ao dizer que o Ser está ligado a noção do Antigo Testamento, quando Deus se apresenta a Moisés; já o Bem está ligado ao Novo Testamento, quando Deus se manifesta na pessoa do Verbo. Neste sentido “para Moisés Deus revelou-se como Ser (unidade divina): ‘Eu sou aquele que é’ (Ex 3, 14). Para Jesus, Deus manifestou-se como Bem (Trindade de pessoas - Lc 18, 19).”

⁷ “[...] o Ser absoluto nada tem do não ser. Nem em ato nem em potência. Nem na realidade nem no nosso pensamento. Ora, sendo o nada a privação do ser, nós não podemos concebê-lo senão por meio do ser. O ser, pelo contrário, para ser conhecido, não tem necessidade de uma coisa estranha a ele, porque tudo o que percebemos com a nossa inteligência percebemo-lo ou como não ser, ou como ser em potência, ou como ser em ato. Ora, se o não ser não se concebe senão pelo ser, se o ser em potência é inconcebível sem o ser em ato, e se o ser designa o mesmo ato puro do ente, deve-se concluir então que o ser é aquilo que pôr primeiro cai sob nosso conhecimento – e este ser é o ato puro.” (BOAVENTURA. 2012, p. 78).

(ARAÚJO, 2006, p. 40). Desta maneira, “o soberano Bem é de modo perfeito, que nada melhor se pode pensar.” (ARAÚJO, 2006, p. 86).

É, pois, tendo o Sumo Bem nas três pessoas da Santíssima Trindade que o homem encontra a Verdade, visto que, para Boaventura, “[...] somente há um Deus, e este, como mostra a luz da fé, é trino e uno, infinitamente bom e poderoso.” (MERINO; FRESNEDA, 2006, p. 69). Neste sentido, para ter uma noção mais exata do Sumo Bem, se faz necessário concebê-lo como trino e uno. Ademais, como é próprio do Sumo Bem (Deus) difundir-se de forma soberana, desta maneira ele se expande e se faz presente em todas as criaturas. Se assim não o fosse, ele não seria o Sumo Bem.

Assim, é, pois, neste degrau que o homem chega à Verdade, através da contemplação da Trindade. Por isso, ele diz que “[...] se elevamos os olhos do nosso espírito para a excelentíssima bondade divina, compreendemos com absoluta certeza que todas essas maravilhas se encontram na beatíssima Trindade.” (BOAVENTURA, 2012, p. 90). Na Santíssima Trindade há uma comunicabilidade num caráter próprio de cada pessoa, ou seja, “Ao Pai se atribui a causa eficiente; ao Filho a causa exemplar, [...]; e ao Espírito Santo, a causa final.” (BOAVENTURA, 2018, posição 1305). Neste sentido, tal comunicação só é possível porque eles são uma só substância e, por isso:

[...] se faz reconhecer na trindade a unidade de essência, de forma, de dignidade, da eternidade, da existência e das incircunscriptibilidade. [E desta forma] – Quando consideras estas perfeições, cada uma em si mesma e separadamente, tens aquilo que te capacita para contemplar a verdade. (BOAVENTURA, 2012, p. 91).

Neste grau, a partir da contemplação da Santíssima Trindade o homem alcança a Verdade que é Deus, pois “nesta consideração a mente se ilumina perfeitamente, [...] alcançou um estado perfeito, de modo a poder chegar com Deus à perfeição de suas iluminações no sexto grau” (BOAVENTURA, 2012, p. 93).

Assim, o sujeito busca nos dois primeiros degraus, pelos vestígios e nos vestígios das criaturas, nos dois intermediários, através da alma e pela alma, num movimento de interioridade, e nos dois últimos degraus, atribuindo a Deus o Ser e o Bem, realizar um movimento de fora para dentro de si. Pela contemplação da Santíssima Trindade, o homem, perfeitamente iluminado, chega à Verdade.

A luz no itinerário

A luz por muito tempo permeou o medievo, sendo muito importante para o pensamento cristão. Logicamente, para Boaventura não foi diferente. Porém, diversamente de outros pensadores de sua época, o Doutor assumiu como fonte de sua reflexão a iluminação divina, ou melhor, uma metafísica da luz que, para ele, é o próprio Verbo divino, a causa exemplar de tudo, pois o próprio Verbo é a imagem do Deus invisível.

Boaventura entende que em cada criatura podemos perceber a iluminação, só que como vestígio, e é seguindo por este caminho que podemos encontrar a Deus, chegando à Verdade também pela iluminação presente nas criaturas, de forma externa. Com isso, “adverte que sentindo em toda criatura a luz divina, quem quer chegar à Verdade, não deve estacionar-se no mero conhecimento das criaturas, mas sim subir ao Criador” (ARAÚJO, 2006, p. 36), pois, “[...] só Deus é a razão de todas as coisas” (BOAVENTURA, 2012 p. 45), o Pai das Luzes.

Num movimento de interioridade a iluminação acontece quando o homem se volta para o seu próprio interior. Esse processo é ajudado pela luz interior, que é a filosofia, subdivida em luz racional, natural e moral e que, por sua vez, é iluminada pela luz superior, que é a Sagrada Escritura, iluminada pelo Pai das luzes, que é Deus. É pela Sagrada Escritura que os sentidos espirituais são restaurados, tornando possível o acesso à iluminação de Deus. Percorrendo este caminho até a Verdade, passa-se pelo Ser de Deus e pelo Bem que, para Boaventura, é o ápice da chegada à Verdade.

Para o Doutor, a iluminação faz com que os homens façam um movimento de retorno a Deus, pois com o pecado houve uma ruptura com o Pai das Luzes, fazendo com que ele se torne cego e, uma vez cego, fica cada vez mais distante da Verdade. Por conta disso, se faz necessária a iluminação da parte de Deus para que o indivíduo retorne a sua união íntima com o Criador. Faz-se, pois, indispensável o olhar da fé, a luz da Sagrada Escritura, a iluminação divina, do Verbo de Deus, para que o sujeito retorne a Ele.

Além disso, nas palavras do autor:

Após ter sido corroborado no caminho das místicas contemplações, abandona os sentidos e as operações intelectuais, as coisas sensíveis e as invisíveis, e todo o não ser e o ser, abandona-te, esquecendo-te de ti, à unidade daquele que está além de toda essência e toda ciência. Só abandonando tudo e libertando-se de todos, elevando-se sobre ti mesmo e sobre as coisas todas por um transporte absoluto e incomensurável da pura mente. (BOAVENTURA, 2012, p. 100).

Só assim chegarás a perfeitíssima Verdade.

Considerações Finais

Para o estimado Doutor, assim como a Sagrada Escritura, as demais ciências possuem um sentido espiritual, sentido esse que permite à sua redução à Teologia. Por isso a luz superior é de suma importância, tendo em vista que ela é quem ilumina as demais ciências, e sem ela o homem acabaria envolto em erros.

Quando Boaventura escreveu a obra *Itinerário da mente para Deus* tinha como intuito mostrar a espiritualidade e a contemplação pela qual todo homem deveria passar para chegar ao conhecimento verdadeiro. Para tanto, nosso Doutor indica um itinerário de subida para Deus, feito em seis degraus, num movimento de fora para dentro. Tendo como ponto de partida o mundo sensível, Boaventura procurava pelos vestígios que o Criador deixa nas criaturas para, em seguida, continuar esse movimento interior; assim, a subida mencionada se realiza de forma interior, trajetória na qual o homem sai do mundo externo e olha para dentro de si, pela alma. Ajudado inicialmente pela luz interior, o homem deve se desapegar das coisas sensíveis com a ajuda da luz superior, pois é ela que restaura os sentidos espirituais fazendo com que ele prossiga o seu itinerário nos degraus de subida subsequentes. Com efeito, nos últimos degraus, ao considerar Deus como Ser e como Bem, ele entende que chega à perfeita contemplação e, conseqüentemente, alcança à verdade. Para realizar tal movimento de subida, os homens devem sempre estar iluminados pela graça divina.

Portanto, a metafísica da luz pensada pelo Doutor Seráfico representa o modo como o homem pode chegar à Verdade, que é Deus. Para fazê-lo, deve se desprender das coisas sensíveis, pois todo aquele que fica restrito somente a este campo acaba se equivocando, motivo pelo qual os filósofos que se detêm somente no campo da filosofia natural acabaram caindo em grandes erros. Para Boaventura, somente

àqueles que se desprendem das coisas sensíveis e se abrem para a iluminação divina alcançam o verdadeiro conhecimento.

Referências

ARAÚJO, Roberildo Sousa. **O problema filosófico em São Boaventura de Bagnoregio**. Um itinerário da mente para Deus. Teresina, 2006. 49f. Monografia (Graduação em Filosofia). Instituto Católico de Ensinos Superiores do Piauí, 2006.

BELLEI, José Ricardo. **A questão da interioridade no Itinerarium mentis in Deum de São Boaventura**. Porto Alegre, 2006. 86f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

BOAVENTURA. **Conferência sobre os Dez mandamentos**. Porto Alegre: Editora Concreta, 2018.

BOAVENTURA. **Itinerário da mente para Deus**. Tradução de Jerônimo Jerkovic e Luis Alberto De Boni. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOAVENTURA. **Obras Escolhidas**. Tradução de Luis Alberto De Boni, Jerônimo de Jerckovic e Frei Saturnino Schneider. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã**. Desde as origens até Nicolau de Cusa. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

DE BONI, Luiz Alberto. **Boaventura: filósofo, teólogo e místico**. Porto Alegre: Editora Fí, 2016.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Confronto de São Boaventura com a Filosofia nas Conferências de Paris sobre Os Dez Mandamentos e sobre Os Sete Dons do Espírito Santo. **Revista Científica de Psicologia e Religião**. 2013. p. 51-68.

MERINO, J.A; FRESNEDA, F.M. **Manual de filosofia franciscana**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A filosofia medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução de Fernando Sales. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúcio” (Ramon Llull), 2006.

Artigo recebido em: 03/06/2021.
Artigo aprovado em: 24/06/2021.